

ALENTEJO – ALVITO

Pensei algumas vezes por onde começar para escrever sobre essa região portuguesa. Cheguei a concluir que seria difícil demais e desisti. Voltou-me a vontade de fazer algum registro e continuei a não encontrar um bom caminho, um atalho que fosse.

Isso não significa que o Alentejo não tenha suas marcas, não possua especificidades que me ajudassem a construir algum perfil, alguma imagem, superficial que fosse, como sempre têm sido estes meus “diários de viagens”.

Muito ao contrário, este pedaço de Portugal, que vai de leste a oeste, é um “troço” de terra, como eles mesmos poderiam designar, com tanta personalidade, que sobre seu povo recai a maior parte das piadas que se fazem neste pequeno país, como se os alentejanos fossem menos ou, ao contrário e ao mesmo tempo, absolutamente mais portugueses que os outros, como se suas marcas fossem tão radicais que sempre merecessem ser caricaturados. Depois, quem sabe, voltamos a isso.

Apesar de ser a maior região oficial de Portugal, com um pouco mais que 30% do território do país, ela é a menos populosa, com seus 750 mil habitantes, o que não chega a corresponder a 10% do total nacional. Sua maior cidade é Évora que, com quase 50 mil habitantes, é considerada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Voltamos a esta cidade pela terceira vez e sempre vale a pena, mas desta feita, nós vimos o Alentejo a partir de outros sítios, como eles dizem, neste país e, sobretudo, com outros óculos – os do geógrafo Jorge Gaspar.

Por essa razão, o centro do Alentejo não foi, agora, Évora ou Beja, sua segunda cidade, mas sim a pequena Alvito, com seus 1.200 e poucos habitantes na sede e o dobro, se considerarmos a área rural e o conjunto formado por suas duas freguesias. Não vou explicar agora o que são freguesias, do ponto de vista político-administrativo, porque isso demandaria muitas linhas e é possível que, ainda, depois de tanto perguntar e de ler um pouco, eu cometesse vários equívocos.

Entre os anos de 1930 e 1960, Alvito chegou a ter o dobro da população que tem hoje, mas, como ocorreu nas últimas décadas com várias pequenas cidades de Portugal (e do mundo), ela perdeu população e importância, tanto mais quanto mais fácil é se chegar por trem ou transporte automotivo aos outros lugares, assim como tanto mais quanto se torna menos importante a atividade agrícola tradicional.

Embora haja vestígios de ocupação humana desde há muito, o primeiro assentamento aglomerado que dá origem a este núcleo urbano é do século I e se deve à chegada dos romanos [“Ah! Estes romanos, eles são loucos”, como sempre repete o Obelix]. Visigodos e muçulmanos os sucederam.

Somente em 1234 estas terras foram conquistadas pelos portugueses, que favoreceram seu repovoamento, pela cessão das terras sob seu domínio a diversos membros da aristocracia. No século XV, Alvito passou a ser a sede da primeira baronia (vila sede de um barão) do país, o que lhe garantiu a posição de importante centro administrativo e alguns dos seus monumentos, como o Castelo, deste mesmo século, hoje ocupado por um elegante hotel da Rede “Pousadas de Portugal”, agora pertencente ao Grupo Pestana. Além desta edificação majestosa, destacam-se igrejas, algumas das quais com arabescos que bem representam a arte manuelina.

A casa em que ficamos hospedados fica na esquina em frente ao

castelo, na Praça de República, a principal da cidade. Da janela de nosso quarto era possível ver o castelo, cuja foto está a seguir.



A casa do Jorge e Ana foi um antigo palacete construído por família de posses, cujo patriarca era, no entanto, bastardo, o que se depreende do brasão colocado na esquina num chanfrado da parede. Diferentemente, a insígnia da família estaria acima da porta, se sua origem não fosse esta. A imponente construção foi, depois, dividida e ocupada por pequenos negócios no piso térreo (uma oficina de automóveis, um bar, uma loja de produtos elétricos) e por habitações no segundo piso. Jorge e Ana, sua esposa, adquiriram metade do imóvel, ficando com a parte da esquina nos dois pisos. A reforma feita possibilitou descobrir uma escada que estava entupida com terra, pequenos altos relevos no teto e um poço que hoje se mantém no meio da grande cozinha, ambiente em que mais se fica na casa. Hoje, esta metade da construção tem cerca de 350 metros quadrados e, apesar de seu preço ser estimado em 400 mil euros, ela dificilmente poderia ser vendida, segundo eles, por mais de 200 mil, em função da crise. Na

próxima foto, a fachada da casa, vendo-se na lateral esquerda, no cantinho, a torre do castelo, que hoje abriga o hotel.



O apogeu de Alvito foi no século XVIII e, hoje se veem, aqui e ali, imóveis fechados e outros por se recuperarem, mas é impressionante como seus equipamentos ficam muito acima do que se tem nas cidades brasileiras de mesmo tamanho demográfico. O pequeno mercado municipal está todo bem organizado e tinha um movimento considerável no sábado pela manhã. A biblioteca pública é um prédio moderno e está, segundo as informações, equipada com sistemas de acesso a acervos digitais de vários tipos. A escola pública tem piscina aquecida. As igrejas mais antigas estão bem conservadas e, numa delas, encontramos uma senhora vestida de preto com seu avental xadrez [confirmando nosso imaginário, sobre as senhoras portuguesas, de há muito tempo], que nos perguntou se queríamos visitá-la, ao que respondemos que sim, e ela, rapidamente, retrucou: “Então, que esperem!”, de modo curto e direto. Tendo esperado, pudemos entrar na pequena capela, onde hoje está

exposta a cadeira, feita por um grande proprietário, especialmente para que nela se sentasse João Paulo VI, o Papa, quando de sua visita a esta cidade. Na foto que se segue, a matriz de Alvito.



Estar em Alvito propiciou-nos “viver” uma pequena cidade portuguesa, fora dos circuitos de turismo. Assim, a experiência é diferente da que tivemos em Óbidos, de outras feitas, ou em Monsaraz, desta vez.

Foi muito agradável conhecê-la, hospedar-se nesta casa tão especial do Professor Jorge e ali conviver com uma parte de sua família e com os amigos Rui e Isabel, que vieram de Coimbra para nos encontrar.

Foram quatro dias e três noites de Geografia, História, com um pouco de Filosofia e Arte, tudo misturado com a boa culinária portuguesa.

Jorge Gaspar é destes tipos de professor que não se fazem mais. Tem uma imensa cultura geral, é um intelectual nato porque é movido

por grande curiosidade, tem uma memória impressionante, que é também cultivada pelo seu bom hábito de anotar tudo, em cadernetas, à moda antiga, ou em seu *tablet*, à moda contemporânea. Teria tudo para ser, somente, um professor universitário, mas também se dedicou à Geografia aplicada ao planejamento, em várias escalas – das regiões portuguesas à União Européia, de Dubai à Índia. Trabalhou e trabalha, ainda, para governos, instituições e empresas, sempre colocando à prova as teorias geográficas que conhece bem, tanto as da Escola Francesa, que teve forte influência em Portugal, como as da Escola Anglo-Saxã, com as quais teve contato mais direto quando foi fazer seu mestrado em Lundt, na Suécia, logo que se formou. Na foto que se segue, na Praça da República em Alvito, Rui Jacinto e João Lima, com Jorge Gaspar ao meio.



Não bastasse um perfil tão plural, este professor ainda tem apreço especial por arte contemporânea (por isso vai inaugurar uma Galeria de Arte no Alvito) e é um mestre dos temperos, com sua culinária que

mistura princípios da cozinha tradicional à sofisticação do que há de melhor nos dias de hoje.

No primeiro dia, tivemos de jantar o maravilhoso leitão trazido, por Isabel e Rui, do restaurante coimbrense “Rui dos Leitões”. Na segunda noite, Jorge Gaspar preparou um cozido à moda tradicional em dois recipientes diferentes – uma panela ao fogão e um jarro de barro na lareira. Ambos continham legumes e carnes de diferentes tipos que cozidos aos poucos ficam macios e exalam o delicioso perfume do azeite que é o principal produto do Alentejo com seus olivais maravilhosos (o que mereceria um capítulo à parte). Na terceira noite, tivemos também a mão do anfitrião nos preparando uma salada muito especial e um carpaccio de bacalhau, servido com vinho rosé.

Tudo foi bom, especialmente a conversa que foi de todo tipo. Na última noite, ficamos mais nas conversas sobre a Geografia e os geógrafos em Portugal, no Brasil, em outros países da Europa, ouvindo opiniões e pontos de vista que são de tipos diferentes. Na primeira noite, em que se tomou mais vinho e éramos quase 10 pessoas à mesa, predominaram as piadas sobre alentejanos, que são as mesmas que contamos sobre os portugueses, no Brasil. Vou registrar aqui, apenas, uma entre tantas que nos fizeram rir:

A Maria nota que o Manuel não fazia mais sexo com ela. Já sentindo falta, toda romântica, perguntou-lhe: “Manuel, tu não me procuras mais?” Ao que ele, prontamente, respondeu: “Oras, tu não te escondes!”

Carminha Beltrão
Janeiro de 2013